https://dx.doi.org/10.35499/tl.v19i1.23870

PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM CENA: UM ESTUDO SOBRE O ESTEREÓTIPO REGIONAL EM FILMES E NOVELAS

EDUARDO ANTÔNIO BORGES DOS SANTOS (UFCAT)*
https://orcid.org/0000-0002-6779-2992

SILVÂNIA APARECIDA ALVARENGA NASCIMENTO (UFCAT)**
https://orcid.org/0000-0002-9532-5689

RESUMO

O preconceito linguístico é uma prática discriminatória que estigmatiza falantes com base na maneira como utilizam a língua. Essa forma de exclusão, muitas vezes naturalizada, manifesta-se em diferentes esferas sociais, inclusive na mídia televisiva. Diante dessa realidade, torna-se imprescindível promover estudos e reflexões que contribuam para a compreensão e o enfrentamento desse fenômeno. Para tanto, este artigo tem como objetivo analisar a construção estereotipada de personagens nordestinos em obras audiovisuais veiculadas na televisão aberta, como novelas e filmes brasileiros, demonstrando como tais representações contribuem para a manutenção e legitimação do preconceito linguístico. A pesquisa é exploratória, documental e de abordagem qualitativa. Os *corpora* estão constituídos por três personagens que ilustram os tipos recorrentes de estereotipia ao longo dos anos nas obras ficcionais do país. A fundamentação teórica está alicerçada em Allport (1954); Crochik (2006); Bhabha (1998), entre outros. Os resultados evidenciam que as representações nordestinas nas obras analisadas tendem a reforçar imagens caricatas, submissas e ingênuas, favorecendo uma perpetuação pejorativa sobre os falantes dessa região. Esses personagens contribuem para a reprodução de um imaginário social que associa os recursos linguísticos utilizados pelos nordestinos a formas depreciativas e desprovidas de prestígio, reforçando, assim, o preconceito linguístico.

Palavras-chave: Preconceito linguístico; Estereótipos regionais; Mídia, televisão.

* Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Mestre em Estudos da Linguagem pela UFCAT. Graduado em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estadual de Goiás. Professor de Português, Literatura, Inglês e Redação em todas as fases do Ensino Básico Municipal e Estadual. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8185593819968822.

** Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestra em Estudos da Linguagem pela UFCAT. Especialista em Literatura e Ensino pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL; Pesquisadora do Grupo de Estudos Linguísticos do Maranhão – GELMA/UEMASUL. Lattes: http://lattes.cnpq.br/2327193600293113. E-mail: aparesilania5@gmail.com

ABSTRACT

LINGUISTIC PREJUDICE ON SCREEN: A STUDY ON REGIONAL STEREOTYPES IN FILMS AND SOAP OPERAS

Linguistic prejudice is a discriminatory practice that stigmatizes speakers based on the way they use language. This form of exclusion, often naturalized, manifests itself in various social spheres, including television media. In light of this reality, it becomes essential to promote studies and reflections that contribute to the understanding and confrontation of this phenomenon. Accordingly, this article aims to analyze the stereotyped construction of Northeastern Brazilian characters in audiovisual works broadcast on free-to-air television, such as soap operas and Brazilian films, demonstrating how such representations contribute to the maintenance and legitimization of linguistic prejudice. The research is exploratory, documentary, and qualitative in nature. The corpora consist of three characters who illustrate recurring types of stereotyping over the years in the country's fictional productions. The theoretical framework is grounded in Allport (1954), Crochik (2006), Bhabha (1998), among others. The results show that Northeastern representations in the analyzed works tend to reinforce caricatured, submissive, and naïve images, fostering a pejorative perpetuation of the speakers from this region. These characters contribute to the reproduction of a social imaginary that associates the linguistic features used by Northeasterners with depreciative and unprestigious forms, thus reinforcing linguistic prejudice.

Keywords: Linguistic prejudice; Regional stereotypes; Media, Television.

INTRODUÇÃO

O preconceito linguístico é a atitude de julgar negativamente uma pessoa ou comunidade com base na forma como a língua é utilizada, incluindo o sotaque, o vocabulário e as expressões regionais. Esse tipo de discriminação, muitas vezes é invisível, está enraizado em diferentes setores da sociedade, inclusive em espaços que deveriam promover a valorização da diversidade linguística, como a escola. Diante dessa realidade, torna-se necessário refletir sobre os fatores que contribuem para a permanência e a naturalização do preconceito linguístico. Um dos principais desafios é desconstruir o mito de que existe uma forma correta de usar a língua, geralmente associada à norma-padrão, enquanto as variedades linguísticas são frequentemente percebidas como inferiores, erradas ou inadequadas.

Uma das ferramentas midiáticas mais utilizadas para estereotipar certas variedades da língua são as novelas e os filmes, que, às vezes, acabam reforçando ou ampliando o preconceito linguístico. A construção de personagens caricatos, geralmente vinculados a determinadas regiões do país, como o nordestino, o mineiro ou o carioca, contribui para fixar estereótipos que ridicularizam ou inferiorizam os recursos linguísticos utilizados por falantes dessas localidades. Esses personagens estigmatizados ajudam a consolidar, no imaginário coletivo, a ideia

de que apenas determinadas formas de uso da língua são legítimas e dignas de respeito e prestígio.

A partir da reflexão sobre os motivos que mantêm o preconceito linguístico presente em diferentes setores da nossa sociedade, inclusive no ambiente escolar, surgiu a necessidade de compreender e analisar essa realidade. Buscamos identificar possíveis propagadores e, consequentemente, facilitadores desse tipo de preconceito e constatamos que a *internet* e a televisão são meios que favorecem tal prática. As redes sociais são amplamente utilizadas para atacar pessoas que recorrem a certas variedades linguísticas, e a mídia televisiva colabora com a disseminação do preconceito ao criar personagens estereotipados, baseados nos usos linguísticos característicos de certas regiões do país.

Para Bhabha (1998), o sujeito recorre ao estereótipo como sendo uma forma de conduta a ser realizada para que se possa relacionar em sociedade. O estereótipo para o povo brasileiro, segundo o autor, remonta o período colonial, quando dominadores e invasores de diferentes partes do mundo legitimavam seus atos ao retratar o colonizado como inferior. Essa visão é uma simplificação que o dominador criou para representar a realidade que ele queria viver, rejeitando a alteridade e tornando suas ações justificáveis, linha de raciocínio que continua vigorando quando tratamos de variedade e preconceito linguístico.

Abordar o preconceito linguístico e discutir a diversidade cultural do Brasil, sem considerar a língua e a sua relação com a sociedade, seria ineficaz para compreender todas as consequências envolvidas nesse processo de exclusão, uma vez que o principal gatilho dessa prática é justamente a língua e tudo aquilo que ela carrega: identidades, histórias, culturas, modos de falar e se expressar.

Diante dessa realidade, torna-se imprescindível promover estudos que contribuam para a compreensão e o enfrentamento desse fenômeno. Considerando que não seria possível abordar de forma aprofundada todas as regiões e suas respectivas variedades linguísticas, optamos por realizarmos um recorte nos estereótipos atribuídos a personagens oriundos da região nordeste do país. Tal escolha se justifica por sua relevância histórica e cultural, bem como pela frequência com que esses personagens são representados em filmes, séries minisséries e telenovelas, quase sempre vinculados a papéis cômicos, ingênuos, violentos e subalternos.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar a construção estereotipada de personagens nordestinos em obras audiovisuais veiculadas na televisão aberta, como novelas e filmes brasileiros, demonstrando como tais representações contribuem para a manutenção e legitimação do preconceito linguístico. A fundamentação teórica está alicerçada em Allport (1954); Crochik (2006); Bhabha (1998), entre outros. A estrutura do artigo está organizada da seguinte forma: inicialmente, será discutida a relação entre estereótipos e o preconceito. Em seguida, apresentaremos e analisaremos os *corpora* composto por personagens nordestinos, observando as representações sob diferentes estereótipos em obras audiovisuais. Finalmente, teceremos as considerações finais, seguida das referências.

A RELAÇÃO ENTRE ESTEREÓTIPO E O PRECONCEITO

O preconceito é um sentimento social, assim comungam os grandes estudiosos sobre o assunto, ou seja, ele não é inato, o indiví-

duo não o manifesta de modo involuntário e isento, ele se liga à personalidade de quem o expressa por meio da convivência social, das experiências que foram vividas ou presenciadas, muitas vezes de modo imperceptível, como se fosse algo a ser aprendido para que a convivência em sociedade pudesse se estabelecer. As pesquisas de Allport (1946) e de Adorno et al. (1965) confirmam essa premissa, e ainda nos trazem a concepção de que o preconceito se funde durante o desenvolvimento de cada indivíduo como um produto das relações entre os conflitos psíquicos e a estereotipia do pensamento.

Dessa forma, o liga à personalidade de quem o tem, como se fosse um fator cultural que foi passado da sociedade para o indivíduo. O que consequentemente também o faz aplicar esse sentimento nos mais diferentes aspectos sociais que encontrar pela frente, é como se houvesse um processo que espelhasse o preconceito aos diferentes tipos de estereótipos que possam ser encontrados na sociedade, gerando uma reação em cadeia e potencializando o surgimento do preconceito em todos os âmbitos possivelmente imaginados (Crochik, 2006).

Para Bhabha (1998) o sujeito recorre ao estereótipo como sendo uma forma de conduta a ser realizada para que se possa relacionar em sociedade. O estereótipo para o nosso povo, segundo o autor, vem do período colonial, em que os dominadores e invasores de diferentes partes do mundo legitimavam seus atos extremamente gananciosos e violentos por terem pintado o colonizado como inferior. Essa visão é uma simplificação que o dominador criou para representar a realidade que ele queria viver, rejeitando a alteridade e tornando suas ações justificáveis.

Conforme explica Crochik (1997, p. 44), podemos ver o estereótipo como um produto cultural que nasce no "próprio processo de adaptação do homem à natureza, que na nossa cultura implicou uma dominação a mais, visto que o poder entre os homens - exercido inicialmente pela força" já não é mais aceito de modo comum. E tal processo transformou-se em meio de dominação subliminar, propagada pelas palavras na própria divisão social em que mitos e crenças foram criadas com a intenção de limitar acessos, ascensões e outras formas de domínio social.

Ao considerarmos as definições prévias do preconceito, tratando-o como um simples verbete da língua portuguesa, já nos é possível concordar que a interpretação que nos vem se consolida sem uma conexão com a realidade, para muitos é algo inexplicável, ou até mesmo imperceptível, vivemos, cultuamos, mas quase nunca o percebemos, principalmente quando ele não recai sobre nós. O preconceito está ligado a um estereótipo que é de posse do preconceituoso, dificilmente de origem individual, quase sempre é uma produção cultural herdada ou cultivada em conjunto. E é assim que temos que percebê-lo, como uma expressão coletiva de indivíduos que se apropriam de algumas representações culturais para que, juntos à hostilidade dirigida ao objeto, configurem o preconceito, tudo isso por meio da existência do estereótipo

Ao falarmos de estereótipo é importante mencionar uma das primeiras técnicas que foram desenvolvidas afim de colher dados relacionados a essa questão "*checklist*" – método que possibilitou a realização de um conjunto de trabalhos que ficou conhecido como "Trilogia de Princeton", segundo Katz, Coffman e Walters em 1969. De forma resumida, a pesquisa consistia em atribuir adjetivos pré-selecionados a grupos étnicos, religiosos, raciais e etc. Após colher res-

postas de 100 alunos participantes da universidade de Princeton, que selecionaram os adjetivos que, na opinião deles, melhor caracterizavam os grupos em questão, os pesquisadores puderam observar que houve um nível elevado de concordância entre os participantes ao descreverem os grupos, principalmente para os grupos de negros e judeus que foi de 75%.

Há também a pesquisa desenvolvida com referência ao modelo socioestrutural, que foi difundida por Fiske, Cuddy, Xu e Glick entre 1999 e 2002, que ficou conhecida como modelo de conteúdo dos estereótipos, técnica utilizada que descreve e almeja conhecer de forma organizada a colocação de determinados grupos dentro da sociedade, visualizar qual a posição de um determinado grupo perante os outros e assim, poder relacionar quais os tipos de preconceito que os membros de grupos situados em uma posição inferior possam vir a sofrer. Bergsieker, Leslie, Constantine e Fiske (2012) utilizando desse modelo enquadraram os estereótipos em duas dimensões: a sociabilidade e a competência. Classificando assim os estereótipos em oposição, ou seja, o que se atribui a um grupo de modo positivo, se projeta a outro grupo de modo negativo. Com isso, podemos ter uma dimensão do reflexo que recai ao grupo dos nordestinos, visto que as demais regiões do país o escolhem como sendo a mais inferior dentre as cinco existentes, o que lhe acarreta receber todas as características opositivas dos demais.

Com o mesmo viés do método com base socioestrutural, temos a "teoria essencialista da categorização", formulada por Pereira, Álvaro, Oliveira e Dantas em 2011, que nos diz que a essencialização "pode ser definida como um processo da categorização social caracterizado pela crença na existência de atributos imutáveis concernentes aos entes aos quais a categorização essencialista se aplica" (Pereira; Álvaro; Oliveira; Dantas, 2011, p. 146). Ou seja, nas crenças que permeiam nossa sociedade, consideramos que há características essenciais em cada grupo, e quando percebemos o indivíduo como sendo parte de um grupo, ligamos ele ao que estava pré-estabelecido ao seu grupo.

No essencialismo algumas características físicas e biológicas são ancoradas a determinado grupo, o que ficou conhecido como "perspectiva naturalista", e servem para identificar e alocar um indivíduo a um determinado grupo, como exemplos podemos citar as raças, cor da pele, cabelo e etc. Há também o processo de categorização e alocação por semelhança e proximidade entre os membros, conhecido como "perspectiva etitativa", como o sotaque, a postura, costumes alimentares e etc. (Pereira; Álvaro; Oliveira; Dantas, 2011).

É importante manter uma relação sobre o que é estereótipo e qual sua ligação com o preconceito, pois ambos convivem em um campo de atuação interligado. Para Lippmann (1972) nossa realidade não é um acontecimento instantâneo, sempre que possível nós projetamos nossas expectativas antes que a ação se realize, nós "não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos". E nesse jogo mental que fazemos entre o antes e o agora é que está o estereótipo: são "os tipos aceitos, os padrões correntes, as versões padronizadas" que nós projetamos em pensamento antes mesmo de viver o presente. Lógico que imaginar, tentar antecipar o presente pode ser perigoso, pois acontece a frustração quando a realidade se concretiza.

Para tanto, dentro desse mecanismo humano que se propaga pelo pensamento e pela linguagem é que surge o estereótipo,

como sendo uma forma segura de esperar o que está por vir, um conceito de associação criado de evitar a frustração quando o presente pedir para acontecer. É como se os estereótipos fossem "crenças ou representações cognitivas simplificadas da realidade, que dão significado às ações intergrupais" (Techio, 2011, p.36). Para o autor é a visão externa que um grupo tem perante outro grupo, mas que ao ser concebida cognitivamente se transforma em uma visão interna e generalizada, passando a constituir o grupo que está sendo visualizado como uma verdade absoluta.

Bosi (1977), na tentativa de definir a concretização dos estereótipos, também faz alusão ao que esperamos que aconteça (passado) e a realidade (presente). Para ele acontece um processo de facilitação e de inércia. Isto é, colhem-se aspectos do real já recortados e confeccionados pela cultura. O processo de estereotipia se apodera da nossa vida mental, ou seja, há um empréstimo das experiências vividas ou assimiladas para que ocorra uma construção, um arquétipo de determinado objeto com a finalidade de não haver surpresas que destoem do que foi esperando, imaginado.

Tanto o preconceito quanto os estereótipos estão presentes na sociedade e na cultura do nosso povo de uma forma que são propagados como sendo ferramentas de pertencimento social e de blindagem de um grupo, veremos adiante que o sentimento indutor do preconceito é coletivo, o que não se diferencia da existência dos estereótipos. Para Baccega (2012, p. 8) "o indivíduo acaba por orientar-se através de estereótipos e de normas, conformando-se ao seu grupo, buscando garantir o êxito de suas ações e a aceitação social". É como se o indivíduo herdasse as verdades do grupo em que se formou, não as contestando, apenas propagando-as.

Ao dizer que o preconceito é um sentimento predisposto ao indivíduo que o cultua faz-se necessário abordar a existência de um "objeto de gatilho", não que seja possível apontar a vítima como merecedora de tal sentimento, jamais.

Cronchik (2006, p. 48) nos mostra é que a existência de características em determinados objetos de preconceito não são "indiferentes" nesse processo, muitas vezes abordar a trajetória dos focos de preconceito podem ajudar muito a compreender o enraizamento desse sentimento. Para o pesquisador "um dos elementos do preconceito seria dado pela atribuição de características, comportamentos, julgados inerentes aos objetos, quando não o são[...]", o que acontece é que o indivíduo atribui distorções ao que está observando, e de certa forma tem isso como real, é como se o "objeto" do preconceito tivesse em sua natureza o que ele mentalmente imagina. Com isso, apesar de não desvendarmos a origem psíquica do preconceito no indivíduo, podemos compreender seu processo de propagação e como é importante romper com seu processo de multiplicação social, já que depois de instaurado o próprio sentimento cria meios de justificar sua autoridade sobre diferentes objetos.

Na perspectiva de Adorno e Horkheimer (1986) muito do que se perpassa ao indivíduo e consequentemente pode acionar o preconceito com algum objeto pode prover também de uma "situação histórica delimitada e substituída no estereótipo por uma série de características", é como se os mitos e traços históricos de um objeto fossem absorvidos de maneira incontestáveis e tidas como verdadeiras, logo, a grande massa passa a associar o estereótipo e a propaga-lo ao longo do passar dos anos. Com expressões prontas que temos ao nos referir-

mos ao povo de um país: os brasileiros são alegres e acolhedores; os turcos são ótimos comerciantes; os japoneses são inteligentes e reservados; os britânicos são pontuais e refinados, entre outras. Tais expressões se propagam cronologicamente e servem como base de pré-julgamentos (ou seja, preconceito) para diferentes tomadas de interação e são originadas por algum fator histórico, seja ele real ou não.

Com a premissa mostrada acima, a generalização de um objeto pelo simples fato de pertencer a um determinado grupo, por mais limitado que seja esse elo de pertencimento é outro fator que propaga o preconceito. As supostas características que socialmente foram atribuídas ao objeto já são suficientes para que o preconceituoso acione esse sentimento. Adorno e Horkheimer (1986) ainda evidenciam essa motivação pela não quebra desse sentimento mesmo quando o objeto alvo do preconceito é conhecido de modo mais íntimo, separadamente do grupo a que fora pré-julgado, para eles "a experiência individual, o contato com o particular, são obstados pelo preconceito. [...] [elas] se dão através de categorias que permitem classificar os indivíduos, o que impede que a experiência individual possa se contrapor ao estereótipo".

Por isso, muitos acreditam que falas como "tenho um amigo negro", "meu irmão é gay", "meus avós são nordestinos" funcionam como cartões de apresentação que isentam o falante de ter no seu íntimo o preconceito enraizado. No entanto, não é bem assim, na verdade não é nem um pouco assim, "as experiências, em geral, são pouco úteis para desfazer o preconceito, uma vez que o sujeito preconceituoso não precisa de contato com o objeto para desenvolvê-lo". É como se o preconceito ativasse uma barreira que menosprezasse as experiências individuais com certo objeto, ignorando-o perante novos contatos com seus semelhantes (Adorno; Horkheimer, 1986, p. 48).

Ao compreender todo o desdobramento que a existência de estereótipos culmina, fica o questionamento: Por que ainda continuamos a alimentar e propagar sua existência? De fato, a compreensão e aceitação, de que temos que refletir e combater inicialmente em nós mesmos para não fazer parte da massa que tanto fere o seu semelhante é fundamental a primeiro passo. Mas a análise de Freud (1986) nos mostrou que a formação do "eu" é mediada pelo "princípio do prazer", ao mesmo tempo que nos mostrou que a sua desconstrução é um processo doloroso, logo podemos por analogia a essa concepção entender porque é mais fácil pertencer e continuar a sermos quem fomos moldados para ser, do que nos despirmos de experiências acumuladas para a reconstrução do nosso novo "eu".

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS CORPORA

A pesquisa é exploratória, documental e de abordagem qualitativa. O *corpus* é constituído por três personagens que ilustram os tipos recorrentes de estereotipia que vem acometendo ao longo dos anos as obras midiáticas, novelas e filmes. Portanto, o *corpus*, é constituído e analisado respeitando a ordem cronológica em que foram apresentados ao público: são três personagens de diferentes tramas, uma telenovelas e dois filmes brasileiros: Chicó (Selton Melo) e João Grilo (Matheus Nachtergaele) de *O Auto da Compadecida*, filme brasileiro de comédia dramática, de 2000, dirigido por Guel Arraes, com roteiro de Adriana Falcão, João Falcão e do próprio diretor, o filme é baseado na peça teatral de mesmo nome escrita em 1955 por

Ariano Suassuna. A personagem Maria do Carmo (Suzana Vieira), da novela *Senhora do Destino*, escrita por Aguinaldo Silva com a colaboração de Filipe Miguez, Glória Barreto, Maria Elisa Berredo e Nelson Nadotti de 2004 e, por fim, Val (Regina Cazé) do filme *Que horas ela volta?*, uma obra cinematográfica brasileira de 2015, do gênero drama, escrito e dirigido por Anna Muylaert.

Salientamos que a presença de expressões regionais não é, de modo algum, visto como negativas por essa pesquisa, elas fazem parte da composição essencial dos personagens, estão ligadas a eles, muitas expressões regionais e falas se popularizam em razão das adaptações para TV aberta (que tem um alcance maior em comparação ao teatro e cinema). Mas com isso, com a presença marcante destes personagens, termos estereótipos ligados a eles é prejudicial para quem não consegue distinguir a realidade da ficção.

Iniciamos a análise pelo estereótipo do nordestino ingênuo e bobo. A região Nordeste é conhecida como berço de grandes humoristas, dos mais antigos, como Chico Anísio, Tom Cavalcante, Renato Aragão, Rony Cócegas, etc. que desbravaram e se consolidaram na profissão, aos mais recentes, que tem feito sucesso principalmente por meio das redes sociais, como Whindersson Nunes, Carlinhos Maia, Ney Lima, Géssica Kayane, etc. Certamente o que compete a essa análise não é desmerecer a veia cômica já consagrada pelo povo nordestino, mas sim contemplar a estereotipia de personagens caricatas que são ridicularizados em seus enredos sem a finalidade de retratar esse dom, eles são construídos como sujeitos manipuláveis, ingênuos, uma espécie de bobo da corte.

Os personagens Chicó e João Grilo, do filme *O Auto da compadecida*, obra de Ariano Suassuna apareceu para o público, inicialmente, como uma peça escrita que retoma elementos teatrais e populares, uma literatura rica em sátiras que usa da riqueza da literatura de cordel para criticar estereótipos facilmente reconhecidos no espaço e no ambiente em que se propõe ilustrar: religiosos fervorosos, figuras poderosas, como senhores de terras, coronéis e aqueles que se atêm apenas as questões materiais.

Foi escrita em 1955 e estreou para o grande público, sendo um sucesso de bilheteria nos teatros do Rio de Janeiro em 1957, sendo responsável por abrir portas às demais obras que viriam ao público escritas de forma tão popular, o que inegavelmente, era um grande diferencial para a época, visto que havia a identificação e representatividade das classes mais pobres com o enredo, neste caso, o povo nordestino. O enredo da obra gira em torno de João Grilo (Matheus Nachtergaele) e seu amigo Chicó (Selton Mello), que juntos se envolvem em uma aventura de moral questionável, visto que envolvem vários personagens na tentativa de realizar uma cerimônia de enterro para a cachorrinha da mulher do padeiro, visando lucrar com isso. Os dois juntos tecem uma teia de mentiras, usando da ganância de alguns e da vaidade de outros para se darem bem, o que culmina com o julgamento dos envolvidos, ao final da trama, por Jesus, pela Virgem Maria e pelo Diabo.

Ariano Suassuna, por meio da sua obra, constrói uma leitura da moral religiosa, da ganância humana e do individualismo, sentimentos que crescem entre a briga do bem *versus* o mal e que ilustram o fervor religioso, característica comumente atribuída aos nordestinos. A sátira do autor não se restringe unicamente a esse campo, os personagens principais flertam muito com as características do teatro de Gil Vicente, são

palhaços e estão dispostos a fazerem graça nos momentos mais tensos vividos no enredo. São anti-heróis que se envolvem nas próprias mentiras e as tomam como verdade em razão dos seus interesses.

A análise dos personagens principais desta obra não possui o intuito de desmerecer a importância e a representatividade que a obra apresenta ao descrever os costumes e a cultura nordestina, mas por se tratar de uma peça que foi posteriormente aproveitada ao seu extremo, visto que se transformou em filme e também em minissérie, percebeu-se nela que a presença de estereótipos é marcante até para obras reconhecidas e premiadas mundialmente, como foi *O Auto da Compadecida*.

João Grilo (Matheus Nachtergaele) é o responsável por exprimir o maior tom cômico da obra, ele atua e tem seu suporte para isso em Chicó (Selton Mello), que por vezes é tido como o bobo, o inocente que é levado pela esperteza do amigo. O que não o desqualifica, visto que é ele o mentor das histórias mais absurdas narradas durante a trama e que trazem consigo momentos hilários. O contraste entre os dois fornece ao público momentos cômicos, João Grilo tem total consciência da sua classe, do lugar que ocupa na sociedade, enquanto Chicó faz as vezes de um sonhador galanteador, uma espécie de Don Juan do sertão.

Todos os personagens da obra possuem, de certa forma, um ar cômico, podemos presenciá-lo principalmente nas obras visuais, pois temos a performance e as expressões corporais dos atores, além da riqueza do sotaque atribuído na construção física de cada figura da obra. A mistura de drama e comicidade é recorrente a quase todos eles. E, ao que se atem a proposta desta pesquisa, não podemos deixar de citar o papel fundamental do sotaque e das expressões linguísticas nordestinas, que são essenciais para amarrar todo o enredo e conduzir o telespectador dentro dele, sendo para muitos, a parte mais rica e marcante da obra visual.

Para o que concerne à pesquisa, a presença do estereótipo se encontra nos dois personagens principais, João Grilo e Chicó que apesar de serem extremamente ricos em nuances, vagando entre o cômico e o drama, sendo anti-heróis da trama, culminam para propagar a imagem do nordestino fanfarrão, aquele que é incumbido de fazer graça para todos durante o tempo todo, ora assim, ora como um parvo, uma espécie de bobo da corte que está a servir os mais poderosos.

João Grilo ludibria seus patrões, o padre, o bispo e até a Virgem Maria com sua esperteza e sagacidade, sempre cômico e cheio de expressões de caráter identitário, que nos remetem a todo o momento, sua região - João Grilo: "Deixe de ser **frouxo** e fique aqui!"; "[...] **deixe de agonia**!"; "Lá vem você com suas **latomias**!" e etc. Os destaques em negrito são exemplos da variação regional nordestina, que são muito frequentes na obra e utilizadas por todos os personagens.

Para Chicó a língua e suas nuances são mecanismos melódicos, o modo como ele se utiliza do sotaque nordestino, do jogo de palavras e expressões regionais dão ao seu personagem um ar de pureza e ingenuidade, que podem ser interpretadas de diferentes modos, ora como ferramentas de um conquistador barato, ora como características de bobo. Mas que também se encaixam perfeitamente a proposta do enredo, vejamos: Chicó: "É, ou não é?"; "Não sei, só sei que foi assim"; "Ô promessa desgraçada, ô promessa sem jeito!".

O preconceito linguístico é uma prática discriminatória que estigmatiza falantes com base na forma como utilizam a língua. Essa forma de exclusão, muitas vezes natu-

ralizada, manifesta-se em diferentes esferas sócias, inclusive na mídia televisiva. O estereótipo do nordestino caricata, disposto a fazer todos rirem a todo o momento não pode ser a parte mais marcante de um personagem tão bem construído, do mesmo modo que o estereótipo do bobo/ingênuo também não. E é com isso que esta pesquisa se preocupa, o modo como até personagens consagrados, que marcaram a vida profissional dos atores que os interpretaram, são construídos de modo estereotipado, servindo como referência a generalizações para aqueles que carregam consigo o preconceito.

Na próxima análise apresentaremos outro arquétipo da estereotipia presente em personagens nordestinos nas tramas midiáticas, a do nordestino retirante. A realidade que inspira essa construção já foi tratada na fundamentação teórica, mas aqui mostraremos traços que se repetem ao longo do tempo na construção do nordestino que deixa sua cidade natal e parte para outras regiões do Brasil na busca de uma qualidade de vida melhor.

A personagem Maria do Carmo, da novela *Senhora do Destino* – exibida na Rede Globo a novela teve grande sucesso no período entre 28 de junho de 2004 e 12 de março de 2005, um total de 221 capítulos. Dividida em duas fases, incialmente a novela conta a história de Maria do Carmo (1ª fase – Carolina Dieckmann), uma nordestina de Pernambuco que ao ser abandonada pelo marido se vê numa situação de extrema pobreza, cruza o sertão com os cinco filhos, ainda pequenos, rumo ao Rio de Janeiro. A viagem da família é sofrida e chegam na cidade maravilhosa em janeiro de 1968, encontrando assim, o tumulto generalizado em consequência do Ato Institucional Número Cinco (AI-5). Em meio as manifestações e ações truculentas da polícia, Maria do Carmo acaba tendo a filha caçula sequestrada por uma falsa enfermeira, em um momento que precisou cuidar de um dos filhos que estava machucado. Ao se dar conta do que havia acontecido, Maria do Carmo se desnorteia e termina por ser presa com outros manifestantes, é na cadeia que ela encontra seus dois maiores pretendentes, Dirceu de Castro (José Mayer) e Giovanni Improtta (José Wilker).

Há então uma passagem de anos e inicia-se a segunda fase da novela. Maria do Carmo (2ª fase – Suzana Vieira) agora é uma empresária de sucesso, mãe zelosa e com um forte vínculo a sua comunidade, Vila São Miguel, onde é conhecida por sua generosidade e história de superação. Mesmo com o passar dos anos, com os quatro filhos homens já criados, Maria do Carmo nunca deixou de procurar por sua filha desaparecida, batizada por Lindalva (Carolina Dieckmann) e falsamente registrada por Maria de Nazaré Tedesco (Renata Sorrah) como Izabel. Lindalva fora criada como filha legítima da sequestradora, foi amada e teve uma vida feliz na ilusão da sua ignorância.

Toda a trama principal se desenvolve na busca por Lindalva e no embate entre Maria do Carmo e Nazaré Tedesco, esta, que acaba por se tornar uma das vilãs mais icónicas já construídas por telenovelas no Brasil. Nazaré se torna uma assassina fria, ao mesmo tempo que incorpora um humor sagaz e caricata. É no embate entre a protagonista e a antagonista que surge o termo preconceituoso que se difundiu no Brasil da época, Maria do Carmo era chamada de anta nordestina, fazendo referência ao uso informal da palavra "anta", que significa alguém burro, incapaz e aprender ou realizar algo corretamente. Nazaré não escondia seu incomodo com o sotaque nordestino da sua rival e por inúmeras vezes este foi motivo de irá e ridicularização.

A construção da personagem Maria do Carmo é típica ao ilustrar a migração do nordestino nas telenovelas brasileiras, o indivíduo é cercado pela miséria, seca e pobreza na sua terra natal, que nunca é desenhada como um local hospitaleiro e próspero, temos como exemplo o retirante Fabiano, Sinhá Vitória, os meninos e a cachorra Baleia na obra Vidas Secas de Graciliano Ramos. Em consequência dessa situação de vulnerabilidade, o sujeito migra para outra região do Brasil, normalmente uma cidade do Sudeste do país, pois essa sim, representa a possibilidade de ascensão social, de fuga da fome e é símbolo de prosperidade.

Ao analisarmos essa realidade, da cena que cerca o migrante nordestino ser sempre representada pela seca e miséria, não estamos negando as consequências dessa verdade, mas destacando que fatores degradantes são sempre utilizados para permear o migrante, mesmo este sendo filho de uma região gigante e com riquezas diversas. Seria claro que o nordestino em situação de miséria não se conformasse com sua vida de pobreza, porém não podemos ter como verdade absoluta e generalizada que este seja o único motivo para a evasão da sua terra natal.

A imagem do nordestino em situação de miséria teve início no final do século XIX, mais precisamente após a grande seca que assolou a região entre os anos de 1877 e 1879, se tornar o tema centra nos discursos políticos regionalistas.

Esse discurso ganha força no terreno artístico na terceira década do século XX e achamos interessante compreender sua origem e o espaço de tempo que ela vem se perpetuando como fonte de construções estereotipadas de diversos personagens. Para Graciliano Ramos, autor que serviu de inspiração para as cenas da migração de Maria do Carmo, retratar o nordestino diante dessa miséria ligada à seca é uma forma de denúncia, de protesto. A arte deve ser utilizada como uma fonte de sanar sofrimentos, para que novos possam ocupar o posto em foco e assim, montar-se um ciclo. Ao afirmar isso, o escritor tenta justificar sua inclinação em retratar tal realidade com tanta veemência, acreditando que destacá-la provocaria uma solução.

O autor ainda compara sua abordagem com as inspirações estéticas do pintor Cândido Portinari, com quem dividiu uma afinidade artística e pessoal, que também retratou em suas obras elementos degradantes e dramáticos da seca nordestina.

A relação de amizade entre Graciliano Ramos e Cândido Portinari aconteceu entre os anos de 1930 e 1940, e acreditamos que o modo como os dois se referiam e retratavam a seca nordestina em suas obras tem sido o ponto de partida para a inspiração de muitos autores midiáticos que beberam dessa fonte. Na obra de Graciliano Ramos destacamos a obra "Vida Secas", publicada em 1938 e que em resumo narra a sofrida migração de uma família que percorre grandes distâncias na fuga da seca, sofrendo diariamente para se manterem vivos. Em Cândido Portinari podemos ver na obra "Retirantes", de 1944, a retratação da miséria, da pobreza e aridez do sertão nordestino, o pintor destaca a aparência cadavérica dos retirantes, o que ilustra a fome. Ele retratou um grupo de pessoas, quatro adultos e cinco crianças, de modo sombrio, o que traz para sua obra um ar fúnebre, que podemos ver também nos elementos secundários da obra, em que não há vida, mas sim um ambiente terrestre seco e no ar, urubus sobrevoam como se estivessem esperando um banquete. Para Portinari, a função social da arte é não ser neutra, é buscar sempre provocar o incomodo como um gatilho para os problemas sociais.

A utilização da arte, tanto na pintura, literatura e obras televisivas, como meio de se provocar uma reflexão é válida, deve ser valorizada e ser contínua. Mas para o objetivo desta pesquisa, o que contrapomos é a estereotipia repetitiva na construção dos personagens que ilustram esse movimento de migração, a divulgação do nordestino como um sujeito que não tem chances de sobreviver em sua terra natal o coloca em uma situação perigosa, já que os outros os veem como pessoas limitadas e sujeitas a qualquer barganha em troca de uma vida diferente da que é representada. Na novela, a saída de Maria do Carmo com os seus cinco filhos foi encenada com o mesmo viés, uma mulher com cinco filhos deixando para trás sua casa de pau-a-pique em um pau-de-arara, parando essa condução para enterrar a cachorra Baleia que fora atropelada, cena inspirada na obra Vidas Secas de Graciliano Ramos.

Outro fator que chamou muito a atenção do público na construção da personagem foi o seu sotaque, para muitos era carregado demais e não retratava a realidade do seu local de origem, o que provocou nos telespectadores uma "não identificação" com a personagem. O que para esse estudo também vale ser considerado, visto que o sotaque construído de forma caricata acaba por viabilizar piadas, chacotas e a depreciação do povo que este sotaque mira representar. O problema com o sentimento de "não-pertencimento" que acompanhamos em alguns dos comentários acima, também se desdobra em um outro fator depreciativo que alimenta o preconceito social e linguístico que acomete o povo nordestino, que é a generalização da região geográfica como sendo uma terra de um único sotaque.

As obras midiáticas em análise dificilmente fazem distinção da região específica ao construir um personagem, a região Nordeste é composta por nove estados, e certamente eles não possuem um único modo de falar, mas para aqueles que assistem suas representações na TV, tudo se resume ao "sotaque nordestino" de um personagem, como se ele representasse todos os cantos falantes dessa região. Logo, personagens como Maria do Carmo, apesar de ter sido construída e defendida pelo seu autor, Agnaldo Silva, como uma homenagem a sua terra natal, não colabora para a aceitação da variação linguística no nosso país, visto que termina por incomodar até mesmo os seus conterrâneos, que não se sentem representados, mas sim estereotipados. O preconceito linguístico é um sentimento excludente que está enraizado na nossa sociedade e ele disputa atenção com problemas de questões urgentes, mas por meio da educação, da reflexão e da quebra da repetição estereotipada de personagens tão amplamente divulgados, podemos amenizar e erradicar, ao longo do tempo, este sentimento excludente que assola o povo nordestino.

A última análise é sobre o estereótipo do nordestino servil e ingênuo que, frequentemente é representado por uma figura sem estudos, submissa aos patrões e sem ambição na vida. O objetivo dessa análise não é aprofundar na densidade dos personagens nordestinos em questão, mas demonstrar que a estereotipia tem sido repetitiva em suas construções, seguindo uma espécie de padrão ao longo dos anos.

A personagem Val, do filme *Que horas ela volta?*, ficção cinematográfica que estreou em 2015 e transita entre os gêneros da comédia e do drama, dirigido e roteirizado por Anna Muylaert. O filme dos estúdios Globo Filmes conta a história de Val, interpretada por Regina Casé, uma migrante nordestina que deixa a família em Pernambuco para

trabalhar em São Paulo como doméstica e babá. A rotina de Val, que vive na casa em que trabalha e foi responsável pela criação do filho dos patrões é transformada pela chegada da sua própria filha, Jéssica (Camila Márdila), que vem para a capital paulista prestar vestibular.

A produção leva o telespectador ao contraste de duas gerações, vindas do mesmo lugar, mas com colocações de mundo diferentes. De um lado está Val, a mulher que apesar de viver anos na casa do patrão, de escutar diversas vezes que "é como se fosse da família" vive em um quartinho isolado da mansão que habita há muitos anos. Val é o exemplo do resquício colonial brasileiro, que traz consigo o "vício serviçal", uma forma de idolatria aos patrões, muitas vezes representado por um olhar servil, que se manifesta na falta do contato visual, de cabeça baixa e fala mansa, uma espécie de respeito vinculado ao medo. Val trabalhou tem uma relação materna com o filho dos patrões, pois foi a babá que o cuidou desde pequeno, com esse trabalho ela mandava dinheiro para a família do nordeste.

A quebra do conforto para os moradores da mansão acontece quando Jéssica chega. São duas mulheres, mãe e filha, mas que são representações diferentes da época e do modo como foram criadas. Jéssica não se coloca no lugar que a mãe se enxerga, não está condicionada a servir e não vê a mansão como um templo sagrado cheio de limites a não serem ultrapassados, o que já acontece com Val. Para Jéssica, a mãe era a figura da mulher que teve sucesso na vida, que lhe visitava nas férias cheias de presente, e essa visão foi fundamental tanto para a decepção ao conhecer a realidade da mãe, quanto para não querer jamais aquele lugar para si.

A mãe, apesar de estar há anos naquele lugar o vê com limitações, um local que não lhe pertence, vive o sonho de entrar na piscina da casa, mas não se acha merecedora daquele "luxo" e se choca ao ver a filha usufruindo do bem. "Jéssica aportou em São Paulo como aqueles velhos descobridores – como uma verdadeira colonizadora às avessas" (Silveira, 2015, p. 1).

O comportamento de Jéssica, que não se vê em um lugar inferior aos patrões da mãe, causa um estranhamento a todos daquele lugar. A filha da empregada que almeja cursar arquitetura na USP, uma das melhores faculdades da cidade, provoca surpresa e ironias aos senhoris, pois é a mesma instituição em que planejam matricular o filho único. Os homens da casa, Fabinho (Michel Joelsas), filho do casal e Carlos (Lourenço Mutarelli) pai da família, veem a adolescente nordestina como uma presa em potencial, há olhares e abordagens de tons sexuais, uma relação de patrão x empregada que por vezes parece que vai culminar em cenas de sexo, mas acabam por se transformarem em um movimento negativo quando realizam que Jéssica não aceita entrar na antiga relação senzalas e as casas-grandes.

Bárbara (Karine Teles), a mãe da família, ao perceber a imposição de Jéssica e tomar ciência de que ela não vinha com a carga servil da mãe usa a expressão "da porta da cozinha pra lá", ao desabafar sobre a filha da empregada, que por muitas vezes questionava a postura resignada da mãe. A patroa impõe sua violência à filha da empregada de maneira sutil, em forma de violência emocional, como no trecho que manda trocar a água da piscina ao saber que o filho lá, havia empurrado Jéssica, afirmando ter visto um rato nadando na piscina. Com Val Bárbara atua diferente, ela alimenta a relação de servidão com pequenos gestos de bondade, como na cena em que dá dinheiro para Val comprar um colchão para que a fi-

lha pudesse dormir no quartinho da mãe e com isso cria "uma relação tão fortemente hierarquizada, a retribuição esperada não é material, mas emocional: a expressão de um sentimento que demarcaria a 'posição permanente' da empregada em relação à patroa – ou seja, sua 'servidão'" (Coelho, 2001, p. 275).

Jéssica instaura reflexões no modo de pensar da mãe, fazendo indagações como "Não posso sentar aqui, então, onde vou comer?", ao ver a filha ir sentar na mesa dos patrões. "Como você aguenta ser tratada como uma cidadã de segunda classe? Isso aqui é pior que a Índia!", exclama a filha ao ver o local onde a mãe vivia e que passaria sua estadia em São Paulo. Em um misto de incômodos emocionais e afetivos, Jéssica é a personificação das mudanças sociais que a contemporaneidade vem buscando a décadas (Silveira, 2015). A relação da doméstica servil com a patroa bem-sucedida está clara no filme, mas a questão social que assola a realidade das classes trabalhadoras, no filme representada pela classe das domésticas, é mais complexa de ser racionalizada.

Val é a mãe ausente, que abandonou a filha biológica para criar o filho da patroa, não só no que diz respeito às necessidades básicas da criança, Val representa a estabilidade emocional do menino, foi ela quem cumpriu, além do braçal, o afetivo, tal relação é tão importante ao enredo que o a tradução da obra para o cinema estrangeiro foi "*The Second Mother*" (A Segunda Mãe). Logo o que se perpetua é a engrenagem que faz o abismo social se prevalecer, pois a patroa consegue ser vista não só como uma mulher de negócios bem-sucedida, mas também como uma mãe zelosa, que ofereceu ao filho os melhores cuidados, ao passo que Val é a mãe que abandonou sua cria para tentar a vida longe da sua terra natal.

Na obra de Anna Muylaert, Val é estereotipo do nordestino migrante que veio para servir, aquele que foi forjado ao ritmo da colonização e que herdou da cultura opressora o dever de ser servil. Os tempos são outros, não há um cenário de violência explicita, mas as relações são controladas pelo que Rezende (2001) chama de "limite da sociabilidade", em que há uma relação pessoal, há a interação, mas limites são impostos pela classe socialmente favorecida para que ela permaneça nesse lugar, porém, de um modo mais sutil, para que não impossibilite a convivência pacífica. Ao encontro dessa colocação de estereótipos, Freire (2013) vê essa relação e suas particularidades agindo a favor de uma hierarquia social, em que valores e imagens reafirmam a superioridade do civilizador por meio de demarcações de uma região particular em detrimento de outras.

Lesser (2001), Prado Júnior (2008) e Vasconcelos (2006) em suas contribuições esclareceram essa relação entre o migrante nordestino e a elite sulista, pois a migração dos nordestinos é vista como a chegada de um povo não pertencente ao local, vistos como frutos de uma mistura racial brasileira não desejável, que se propõe a migrar para "roubar" um lugar que não é seu por direito. Para esses autores a rejeição aos nordestinos deixou de ser simplesmente por um fator regional, e passou a ser vista como uma questão de raça.

> Deste modo, a inclusão dos "nordestinos" como uma categoria de análise para os processos de estereotipia, preconceito e discriminação, circunscritos na situação de exclusão social, não se refere apenas a uma extrapolação analítica destes processos junto à problemática racial, mas também a uma busca por padrões de atitudes e comportamentos discriminatórios existentes no Brasil em relação àqueles considerados "os outros" (Batista, 2014, p. 24)

Na nossa análise, a própria escolha da construção da personagem Val ser nordestina já demonstra a visão estereotipada em relação aos nordestinos, uma mulher desprovida de vaidade, de beleza e fora dos padrões estéticos brasileiros. Sua fala é tida como "engraçada" pelo filho da família, que comenta, ao conhecer Jéssica, que ela fala "engraçado" igual à mãe. Para o enredo do filme, não seria essencial que a protagonista fosse nordestina, visto que ele busca abordar a ausência da mulher na criação dos filhos, fruto da sobrecarga atribuída a figura feminina do lar e todos os conflitos pertinentes a essa realidade. Ou seja, o preconceito se nutre dos fatores estereotipados que foram atribuídos aos nordestinos, seu modo de falar, seu local de origem, seus traços culturais passam a serem compartilhados como atributos não só físicos, mas como biológicos e essa identificação desencadeará o modo como será tratado em um ambiente que lhe é hostil (Pereira *et al.*, 2011). E isso explica o modo como Jéssica é tratada ao chegar na mansão paulista, mesmo sem conhece-la, a família elitista já possui um *modus operandi* de como recebe-la, e tudo o que foge dessa preconcepção, baseada no modo que trataram Val, causa um grande desconforto.

A assimilação do estereótipo não está somente em quem o utiliza como chave para o preconceito, a pressão cultural sob quem o sofre registra comportamentos de aceitabilidade e muitas vezes a própria vítima se coloca em um local onde não deveria estar. Podemos perceber essa realidade na fala de Val ao ser contestada pela filha sobre seu comportamento servil e tolerante perante o tratamento dos patrões.

> *Jéssica comenta revoltada:* Sinceramente, Val, não sei como é que tu aguenta, visse?
>
> *Val em tom de raiva:* Como é que aguento o quê?
>
> *Jéssica:* Ser tratada desse jeito, que nem uma cidadã de segunda classe. Isso aqui é pior do que a Índia.
>
> Val**: Não vem com essas conversa difícil, negócio de Índia não, que tu é metida, isso que tu é.**
>
> *Jéssica:* Isso tudo é muito escroto, isso sim.
>
> Val: **Ooia o palavrão, que eu não gosto de palavrão. Ruuum! Tu é que se acha, tu se acha melhor que todo mundo, tu é superior a todo mundo.**
>
> *Jéssica:* Eu não me acho melhor não, Val, eu só não me acho pior. Entendesse? É diferente. *Val:* Tu ainda vai conseguir fazer eu perder esse emprego!
>
> (Que horas ela volta, 2015. Disponível em: https://globoplay.globo.com/que-horas-ela-volta/t/X6KmRdP68Z/)

Percebe-se nas falas grifadas da personagem Val que a revolta da filha não é legítima, ela se vê ocupando um lugar que é dela, sem nenhum descontentamento. E ainda critica a filha por se incomodar com a sua situação. Val está dentro do círculo que lhe colocaram, usufrui de modo contente ao pouco que lhe foi dado. A subserviência é um sentimento característico que incomoda ambas, à filha pela presença em exagero na mãe e a mãe pela ausência deste na filha.

Batista (2014, p. 26) mostra como é importante romper com os estereótipos atribuídos aos nordestinos, pois os "processos de estereotipia são as bases cognitivas do preconceito" e mantê-las presente em uma sociedade que já caminha há algum tempo com a necessidade de acabar com esse sentimento é no mínimo contraditório. Por outro lado, Porfírio (2017, p. 36) afirma que a insistência em "construir personagens nordestinos sempre com sotaques carregados, com papéis de baixo prestígio [...] é caminhar para o preconceito cultural, social e linguístico; é menosprezar um povo simplesmente

por sua região de origem". Esse panorama evidencia não apenas a perpetuação de estigmas, mas também a urgência de repensarmos as representações culturais e linguísticas dos nordestinos, a fim de contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados nos mostram como é importante manter em pauta o preconceito linguístico para termos a dimensão do poder que a língua tem na formação da identidade cultural e individual do seu falante, e que com isso desperte momentos de discussão e reflexão que gerem mudanças positivas, não somente nas escolas, mas na sociedade em geral. O modo como aceitamos sua presença deste sentimento entre nós vem sendo viabilizada cotidianamente por meio de personagens estereotipados, que muitas vezes nos divertem, nos entretém, mas ao mesmo tempo nos alienam de questões essenciais para o bem-estar e direito do próximo.

Há sempre o sentimento de que temos urgências maiores para combater e discutir, o que não podemos aceitar é que só se luta uma única batalha por vez. E que combater um sentimento que vai contra a língua, a cultura e a identidade de um povo pode ser um meio eficiente para romper com o sistema opressor que excluí, dos mais diferentes âmbitos sociais, os nordestinos.

Na busca por alcançar o objetivo geral desta pesquisa, que foi apresentar uma análise da presença de personagens midiáticos que foram construídos sob diferentes estereótipos nordestinos, mostrando que por não condizerem com a realidade do povo representado por eles. Esses personagens rompem o entretenimento e terminam por servir de reforço e legitimação de diferentes tipos de preconceito, mais especificamente o preconceito linguístico,pois por meio de nosso estudo identificamos a presença repetitiva de estereótipos degradantes dos falantes da região do nordeste.

Os fatores históricos, às questões ambientais, econômicas e sociais que influenciam na composição destes personagens estereotipados. O cangaço também está ligado a esta realidade, o movimento social de décadas atrás serve de referência para as mais distintas adaptações televisivas, que vão da vestimenta ao modo de lidar com situações adversas, o que nos mostra que não há uma atualização no modo que os criadores enxergam a região. O movimento migratório, fruto da má distribuição de renda e dos recursos naturais, também coloca o povo nordestino em uma situação de vulnerabilidade social. Diante dessa dura realidade muitos partem para novos lugares desprovidos de recursos e com isso se sujeitam a situações degradantes na busca pela sobrevivência. Bagno (2006) já condenava a presença de estereótipos nordestinos, deixando claro sua interferência no modo como este povo é apresentado as demais regiões do nosso país:

> É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum no Brasil, muito menos no Nordeste (Bagno, 2006, p. 44).

Dentro desta constatação, alcançamos um dos objetivos específicos desta pesquisa, que foi elencar os tipos que servem como base de inspiração para a estereotipagem dos personagens nordestinos, chegando à conclusão de que o nordestino servil, o migrante, os caricatos estão constantemente

presentes nas obras midiáticas que visam descrever o nordestino.

REFERÊNCIAS

ALLPORT, G. W. **The nature of prejudice**. New York: Basic Books, 1954.

BACCEGA, M. A. **O estereótipo e as diversidades**. 13. ed. São Paulo: Comunicação & Educação, 2012. p. 7 a 14.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico:** o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2006.

BATISTA, J. R. M. **Os estereótipos e o efeito do contato virtual no preconceito contra negros e nordestinos**. 2014. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular**: leitura de operárias. Petrópolis: Vozes, 1977.

BRASIL. **Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo: Intercom, vol. XIX, n.1, 1996, p. 33-57.

COELHO, M. C. Sobre agradecimentos e desagrados: trocas materiais, relações hierárquicas e sentimentos. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (Orgs.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p. 267-291.

FREIRE, A. **O nordestino na Globo:** novos personagens, velhos estereótipos. São Paulo: Carta Potiguar, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31043/1/O%20estere%C3%B3tipo%20do%20Nordestino%20na%20televis%C3%A3o%20brasileira%20-%20Priscila%20Chammas.pdf. Acesso em: 24 mar. 2025.

FREUD. S. El malestar em la cultura. In, N. Braunstein (Org.) **A Médio Siglo de el Malestar em la Cultura de Sigmund Freud**. México: Siglo XXI Editores, 1986.

KATZ, M., COFFMAN, T. L., & WALTERS, G. On the fading of social stereotypes: Studies in three generations of college students. **Hillsdale**: Journal of Personality and Social Psychology, 1969, p. 1-16.

LESSER, J. **A negociação da identidade nacional:** imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: UNESP, 2001.

LIPPMANN, W. Estereótipos. In: STEINBERG, Charles S. (org.). **Meios de comunicação de massa.** Trad. Otávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1972. p.151.

O auto da compadecida. Direção: Guel Arraes. Produção: Guel Arraes. Cabeceiras: Globo Filmes, 2000.

PEREIRA, M., ÁLVARO, J., OLIVEIRA, ANDREIA, C., DANTAS, G. S. Estereótipos e essencialização de brancos e negros: um estudo comparativo. **Psicologia & Sociedade**, 2011, 144-153

PORFÍRIO, C. W. **Preconceito linguístico e estereotipagem do nordestino:** Uma análise de personagens da teledramaturgia brasileira. Trabalho de conclusão de curso. UAG/UFRPE. 2017.

PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

REZENDE, C. B. Entre mundos: sobre amizade, igualdade e diferença. In: VELHO, G.; & Karina Kuschnir (sous la direction de), **Mediação, cultura e política,** Rio de Janeiro, Aeroplano Editora, p. 237-264.

Senhora do destino. Direção: Luciano Sabino, Marco Rodrigo e Cláudio Boeckel. Produção: Wolf Maia. Rio de Janeiro: Rede Globo, Plataforma Globo Play, 2004.

SILVEIRA, W. **Que horas ela volta**. Globo Filmes, 2015, Rio Grande do Sul.

TECHIO, E. M. Estereótipos sociais como preditores das relações intergrupais. In: TECHIO, E. M.; LIMA, M. E. O. (Org.). **Cultura e produção das diferenças**: estereótipos e preconceitos no Brasil, Espanha e Portugal. Brasília: Technopolitik, 2011.

VASCONCELOS, C. P. A construção da imagem do nordestino/sertanejo na constituição da identidade nacional. **Trabalho apresentado no II Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, em Salvador, Bahia, 2006.

Submetido em: 20/04/2025
Aceito em: 21/062025

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.